

Para “fazer trabalhar” a tópica laplancheana

José Carlos Calich¹, Porto Alegre

Ainda que esta não seja uma forma comum de apresentar um trabalho em nossa disciplina, permito-me, tendo em vista a natureza particular desta publicação, começar expressando o meu prazer pessoal de participar desta homenagem a Jean Laplanche. Pensador excepcional, um autor criativo, inspirador e consistente que, de acordo com uma de suas formulações mais conhecidas, “fez trabalhar a psicanálise”, enfrentando, com rigor metodológico, a complexidade do espírito humano.

“Três acepções da palavra ‘inconsciente’ no âmbito da teoria da sedução generalizada” é um exemplo desse seu “fazer trabalhar”. Trata-se de uma evidência do movimento constante de tradução, destradição e retradição em sua obra, um esforço necessário para encontrar significados ampliados nos enigmas propostos por nossa prática no que diz respeito à alma humana e ao nosso método.

Estimulado pela clínica, Laplanche nos oferece, nesse artigo, um segundo olhar à sua própria teoria, um segundo tempo de tradução e de significação, introduzindo conceitos e esclarecimentos fundamentais, essenciais à ampla natureza e à coerência do marco teórico da teoria da sedução generalizada.

A proposta de um aparelho unificado da alma, com sua nova formulação tópica, amplia a função já amplamente discutida do “outro humano” e

1 Publicado originalmente em *Psychiatrie française*, v. 37, n. 3, 2006.

do sexual na constituição do “humano do humano”, uma solução para os impasses teóricos criados pela heterogeneidade e pela “modularidade” do inconsciente (a coexistência de fenômenos neuróticos e não neuróticos observados na clínica de pacientes neuróticos e não neuróticos), assim como a função da cultura na constituição do psiquismo. Muitos outros autores propuseram modelos para tratar, separada ou conjuntamente, essas duas variáveis essenciais, o que chamei, em outros trabalhos (CALICH, 2003/2005, 2003), de “um novo paradigma teórico evolutivo”, “um salto teórico em conjunto [...] rumo à unificação”. É algo que, ao meu ver, Jean Laplanche hoje alcançou.

A via de acesso a essa unificação é a “exigência” constante da teoria e do pensamento psicanalítico essencial, principalmente no pensamento freudiano, mas também no lacaniano e no kleiniano e na psicologia do eu. Nesse aporte metodológico, os conceitos dessas escolas não são simplesmente deixados de lado ou adaptados comodamente, mas sim compreendidos a partir de suas próprias origens — em um trabalho semelhante àquele empreendido pela “desconstrução” —, proporcionando, assim, novos desdobramentos. Desse modo, pretende-se que os olhares resultantes desses diferentes pontos de vista, postos “a trabalhar”, sejam coerentes em relação à teoria em seu todo.

Na minha opinião, os desdobramentos recentes são evoluções de conceitos já presentes na obra laplancheana que adquirem uma nova forma e, enquanto tais, prestam-se a comentários e considerações relativas às suas possíveis implicações e permitem, assim, “fazer trabalhar o texto”, como pretendo realizar brevemente neste artigo.

Repressão originária, clivagem e situação da mensagem não traduzida no que tange ao objeto-fonte da pulsão

O conceito de *inconsciente encravado* dá conta de uma importante deficiência teórica da psicanálise em geral, atribuindo um lugar no interior do aparelho psíquico às mensagens não traduzidas e enfatizando seu estado de não-ligação (não-recomposição e não-retranscrição), que, no entanto, apresenta possibilidades metonímicas, assim como no tipo de defesa consciente que mobiliza. Situado “abaixo da pele”, como um “subconsciente”, trata-se de um lugar no interior do psiquismo que abriga algo que, entretanto, não é propriamente psíquico, mas sim sua matéria-prima: as mensagens não traduzidas. São “mensagens que sofreram um fracasso radical de tradução, elementos de mensagens ainda não traduzidas, à espera de tradução e, talvez, também mensagens destraduzidas, à espera de uma nova tradução” (LAPLANCHE, 2003, p. 416).

Esse conceito está presente, de forma embrionária, desde os primórdios da teoria da sedução generalizada no conceito de *enclave psicótico* (LAPLANCHE, 1987/1992, p. 148), sendo este, naquele momento, um suposto ente encravado entre os dois tempos da repressão originária, transformado, na formulação atual, em uma tópica constituída por um movimento de recusa (*Verleugnung*) que provoca uma clivagem (vertical) do eu (*Ichspaltung*).

Essa formulação baseada na recusa me parece reforçar a coerência do modelo da teoria da sedução generalizada, que dá ênfase à passividade infantil no momento da constituição do psiquismo, quando a presença do sexual do outro no contato com a alteridade é vivenciada como transbordante por quem a percebe. Nessas condições, o movimento de recusa seria uma via “natural” diante da intensidade da estranheza e da imaturidade do aparelho

psíquico. Parece-me bastante coerente, embora pouco comum, considerar esse espaço como um “subconsciente” e sua não-correspondência como um pré-consciente pelos motivos que o autor claramente expõe. No mesmo sentido, ao cabo de uma coesão conceptual e clínica, encontramos a descrição de propriedades da associação metonímica entre elementos do *inconsciente encravado*, o que corresponde a um *pensamento operatório*. Tomadas em conjunto, essas afirmações nos conduzem a um modelo bem articulado e integrado, vivido na clínica do funcionamento não neurótico tanto em estruturas neuróticas quanto não neuróticas.

Esse conjunto de novas propostas suscita algumas reflexões que podem ser resumidas nas seguintes questões:

1. Se a mensagem do outro passa primeiro pelo *inconsciente encravado* — o que implica um tempo de espera —, então o tempo da clivagem vertical, da recusa conforme já conceitualizada, precederia ao tempo da repressão originária? Se considerarmos que não “gera” o inconsciente reprimido, mas sim que cria as condições para a ação da repressão originária, poderíamos afirmar que ele é seu precursor funcional?
2. O que distingue as mensagens não traduzidas dos restos não traduzidos de mensagens parcialmente traduzidas e que, ao serem reprimidas, tornam-se objeto-fonte da pulsão? O fato de essas mensagens não traduzidas terem ultrapassado a barreira da clivagem vertical e sofrido o efeito do processo tradutivo modificaria a sua estrutura? Já estariam elas “comprometidas” com o processo de tradução? Qual seria a natureza desse compromisso? Essas mensagens, mesmo que conservem seu caráter de estranheza, estariam, em certa medida, “convertidas” em uma substância própria ao *infans*, enquanto as que não foram traduzidas seriam percebidas como definitivamente estranhas, ainda que não o sejam completamente? Ou ainda, ao entrar em contato com a

função tradutiva, seu conteúdo sexual seria percebido (permanecendo, ainda que não seja assimilável, como estímulo para a tradução, segundo afirmou Laplanche ao longo de toda a sua obra), enquanto as mensagens “encravadas”, devido ao não-contato definitivo ou temporal com a tradução, seriam tomadas como se fossem não sexuais?

3. As mensagens traduzidas têm ou não um potencial de tradução? Todas elas funcionam como “intromissões” (LAPLANCHE, 1990/1996)?
4. Se a pressuposição anterior é verdadeira, um diálogo com o pensamento de Bion (1962a/1996, 1962b/1988, 1992/2000) não poderia ser útil? Penso, em particular, no destino de elementos beta, que corresponderia ao destino de mensagens não traduzidas ou que perderam sua tradução. Ao não serem traduzidas, poderiam elas manter sua inscrição corporal ou serem remetidas ao corpo (como sintoma psicossomático) ou à motricidade voluntária (como ação ou agitação psicomotora)? Poderiam elas, como alucinações, invadir o pensamento ou até mesmo a mentalidade grupal, produzindo diversos funcionamentos grupais regressivos? Ou ainda, a partir do novo modelo tópico da teoria da sedução generalizada, poderiam, nesse último caso, entrar em contato com os códigos do pseudo-inconsciente do mito-simbólico?
5. Indo mais além nesse diálogo com o pensamento de Bion: uma vez que essas mensagens não traduzidas são protegidas por uma clivagem, seria legítimo supor que, conforme a fragilidade dessa clivagem, esses elementos invadem outras zonas do psiquismo e até mesmo zonas influenciadas pelo psiquismo, como anteriormente sugerido? E se considerarmos que essas mensagens apresentam possibilidades metonímicas (“funcionando conforme um modo aparentemente lógico, operatório”), diríamos que, quando estão fora do inconsciente encravado, oferecem-se à função tradutiva, teorizante, metaforizante

(quando preservada) de uma forma particular, talvez com um pseudo-sentido? O que faz a função tradutiva, metaforizante, com essas informações desprovidas de um “verdadeiro” sentido? Não buscará lhe dar uma coerência, em uma atitude semelhante à da fabulação? Sendo uma consequência dessas características do “inconsciente encravado” — portanto, universais —, essa “pseudo-tradução” não estaria, em maior ou menor grau, presente em todos os indivíduos, com importantes repercussões nos modos da comunicação humana, nas qualidades da transferência e no próprio método analítico? Creio que uma outra contribuição de Laplanche, transferência *em pleno* e transferência *em oco*, mesmo que preceda àquela em discussão, dá conta dessa última tensão.

6. Na esteira dessas reflexões, formulo a hipótese de que as mensagens não traduzidas, sem significação, mantidas “sob a pele”, podem ser “reencontradas” através de um mecanismo de projeção-introjeção no mundo externo, perturbando a percepção deste. Em um dos extremos dessa desordem, encontrar-se-ia a “objetivação” inadequada do exterior pela percepção do não metaforizado re-encontrado, tomado como real, como “objetivo”. Uma categoria perceptiva “operatória” que não leva em conta a presença do significante enigmático e que nos ajudaria a compreender uma parte dos fenômenos de “objetivação” da realidade, tão comuns em nosso *Zeitgeist*, responsáveis, entre outros fenômenos, pela crescente negação do inconsciente e de seu método de estudo, a psicanálise.

O pseudo-inconsciente e o mito-simbólico

Ao longo da descrição e da exposição da teoria da sedução generalizada, Laplanche assinalou a origem sociocultural dos esquemas narrativos pré-

formados, como o complexo de Édipo, o complexo de castração etc., que seriam absorvidos pela função tradutiva. No presente desenvolvimento dessa teoria, assinala-se o papel da cultura, no sentido de que esta “ajuda a traduzir” as mensagens enigmáticas, proporcionando, por meio das estruturas do mito-simbólico (e não diretamente por seus conteúdos), os esquemas narrativos que perpetuam e inovam os códigos inconscientes.

Laplanche chama de pseudo-inconsciente do mito-simbólico o lugar externo ao psiquismo, onde se encontra, entre outros símbolos, a reserva, a provisão de informações sobre a história mítica da humanidade, do grupo e da família. Ao auxiliar na construção de significados de mensagens individuais, essas informações tanto historicizam o indivíduo quanto o inscrevem no contexto civilizador.

Considero que a articulação e a precisão da definição desse “lugar”, de suas propriedades — incluindo a característica de ser “implícito”, inconsciente no sentido descritivo — e a elucidação de sua dinâmica, oferecem-nos um modelo com diversas possibilidades de desenvolvimento, úteis para a compreensão da relação entre o indivíduo e a cultura.

Com base nesse texto, podemos inferir que algumas formas das estruturas mencionadas facilitam a tradução, ao passo que outras a tornam mais difícil, sendo responsáveis pela tradução parcial de algumas mensagens e da permanência de intromissões a modo de imperativo categórico, que funcionam como um supereu primitivo.

A esse respeito, gostaria de acrescentar algo que não está no texto de Laplanche, mas que me parece seguir esse mesmo raciocínio. Se nos basearmos nas ideias que Ferenczi (1933/1992) elabora em “Confusão de línguas entre o adulto e a criança”, texto citado por Laplanche repetidas vezes, o traumático não se produziria tão somente no ato de abuso contra

a criança, mas seria reforçado em um segundo momento de violência, quando o mundo adulta nega e desacredita a experiência afetiva por ela vivenciada. Ele produziria uma “experiência” compartilhada de não-representação do abuso. Sendo este um modelo de tradução que se vale do pseudo-inconsciente do mito-simbólico, formulo a hipótese de que a presença da recusa (*Verleugnung*) na estrutura do mito-simbólico é uma fonte particular de mensagens mal traduzidas ou não traduzidas que seriam retidas ou devolvidas ao *inconsciente encravado*. Creio que essas mensagens se encontram na gênese de patologias como o fanatismo ou outros problemas graves do pensamento individual e coletivo, assim como o que chamamos de “patologias contemporâneas”.

Ademais, eu diria que uma mensagem que contém, em sua própria estrutura, uma parte “recusada” acabaria perdendo sua função enigmática, assim como o seu potencial de tradução — ou, em todo caso, o trabalho de tradução exigiria um esforço excepcional.

A revolução copernicana inacabada

Para o leitor familiarizado com a teoria da sedução generalizada, “Três acepções” provoca uma sensação de estranha simplicidade devido à sua clareza e consistência. À medida que as ideias são apresentadas, é possível articular e integrar elementos expostos nos diversos artigos que precederam essa nova formulação. Imagens clínicas, traídas pela memória por uma profusão de sentido, são progressivamente evocadas.

Afirmar que essa nova proposição tópica conclui a “revolução copernicana” iria de encontro ao método utilizado e indicado por Laplanche. Creio ser mais adequado afirmar que o modelo tópico proposto, a “tópica laplancheana”, apresenta um alto valor heurístico e um alto nível de correlação com a

clínica, conforme o programa de investigação inaugurado por Freud.

No que me diz respeito, é um privilégio ter a oportunidade de participar deste diálogo/homenagem.

Resposta de Jean Laplanche a José Carlos Calich

Com sua profunda compreensão e suas contribuições, José Carlos Calich me fornece uma excelente ocasião para esclarecer alguns pontos e levantar com ele algumas questões.

O primeiro esclarecimento parecerá um tanto curioso. Refere-se a Bion e à sua intervenção no debate. Reconheço, com muito constrangimento, que não conheço Bion, não por má vontade, mas sim por nunca ter lido duas páginas de seus trabalhos que conseguisse compreender.

Também reconheço que meu interesse diminuiu muito quando, ao folhear seus livros, percebi que não abordavam o tema da sexualidade e muito menos da sexualidade infantil. Aliás, há neles um movimento de dessexualização, que consiste, por exemplo, em usar símbolos claramente sexuados (γ) para atribuir-lhes um sentido abstrato e não sexual (continente-conteúdo). Da minha parte, não encontro ali qualquer relação com a psicanálise freudiana (nem sequer com o seu texto mais desatualizado, “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”).

Outro ponto factual: não me parece que Freud tenha afirmado que a clivagem do eu seja ocasionada pela recusa. O texto freudiano coloca em coexistência dois mecanismos de defesa sem que um influencie o outro, um mecanismo neurótico (a repressão) e outro psicótico (a recusa). A *Spaltung* que se produz entre dois mecanismos de defesa não é necessariamente uma defesa. De qualquer modo, Freud não afirma isso. Sem dúvida, tudo isso foi

alterado pelo uso pós-freudiano (kleiniano) da clivagem do objeto ou da pulsão como mecanismo de defesa.

De certo modo, alinho-me a esse posicionamento freudiano e, por esse motivo, tendo a considerar a clivagem do eu como uma “situação factual” que resulta da instalação da repressão. A repressão cria a parte A do esquema e, por isso, cria a clivagem entre dois setores que se ignoram, A e B. Isso não elimina as dificuldades, mas me esforçarei para responder a todas as perguntas.

1) Não creio que a clivagem seja resultado da recusa nem que o tempo da clivagem preceda ao tempo da repressão. Para mim, não existe primeiro um aparelho e depois um processo. É o processo (tradução) que cria o aparelho a partir de A, portanto, a delimitação com B.

2 e 3) É possível que haja uma confusão na minha expressão. Porém, distingo claramente as mensagens (ou mensagens parciais) não traduzidas dos fracassos da tradução no momento do processo de tradução/repressão (objeto-fonte da pulsão). Entre as mensagens não traduzidas, há mensagens comprometidas (à espera de tradução) e inscrições que, por sua própria estrutura, são rebeldes a qualquer tradução. Não por não serem sexuais, mas sim, pelo contrário, por serem demasiada e unicamente sexuais. Falta o compromisso (apego) necessário para que ocorra uma tradução.

Ao não serem reativadas, as mensagens ou inscrições encravadas podem permanecer inertes. Se não reativadas, um duplo processo se desenrola: tentativa de tradução e, se esta não for possível, saída por outros meios (delírio, psicopatia, passagem ao ato perverso etc.).

Em suma, a distinção implantação/intromissão só seria observável *après-coup*, dependendo se a tradução pode ou não realizar-se.

4, 5 e 6) Devido à minha ignorância em relação a Bion e à minha compreensão não defensiva (freudiana) da clivagem, é difícil, para mim, dialogar plenamente. Não creio que os conteúdos, temporais ou definitivos, do inconsciente encravado possam estar situados em outro lugar que não onde estão: inscritos no espírito-corpo em formação. Não vejo como esses conteúdos possam se situar no mundo externo, exceto sob forma de atos mais ou menos violentos.

No entanto, uma questão importante que você levantou permanece em aberto: as relações entre as partes A e B do esquema. Ao meu ver, o limite da clivagem do eu é necessariamente variável, sujeito a mudanças. A depender dos sujeitos e dos momentos, ela pode estar mais ou menos deslocada à direita ou à esquerda. Creio que, para que haja circulação entre ambas as partes, mais importantes do que as novas tentativas de tradução são os processos de destradução iniciados pelo tratamento. Ao fazer retornar ao consciente elementos que a repressão deixou cair, essa destradução permite reintroduzi-los no âmbito de sua mensagem enigmática de origem. Cruze-se a barreira de A a B. Logo, se há uma nova tentativa de tradução, ela corre o risco (com sorte) de arrastar consigo (até A) partes do inconsciente encravado que acreditávamos que permaneceriam para sempre imutáveis e psicóticas.

A última parte de seu texto, “o pseudo-consciente do mito-simbólico”, propõe várias vias das quais destaco apenas uma: o “mito-simbólico” não é somente uma “ajuda”, mas também pode ser um obstáculo para a tradução, como no caso das mensagens superegoicas. As duas últimas páginas de seu texto me parecem abrir caminhos frutíferos, uma vez estabelecido que o mito (coletivo, como é em sua origem) não se encontra no centro do inconsciente e, em alguns casos, pode ter efeitos mais fecundos ou mais banais, como a hiper-edipização midiática contemporânea.

J.L.

Referências

BION, W. R. (1962a) “O apreender com a experiência”, in *Os elementos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

BION, W. R. (1962b) “Uma teoria sobre o processo de pensar”, in *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

BION, W. R. (1992) *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

CALICH, J. C. “O inconsciente e suas tensões atuais”. *Revista de Psicanálise da SPPA*. Porto Alegre, v. 10, n. 3, 2003, pp. 391–402.

CALICH, J. C. (2003) “Mundo interno e transformações”, in Elzirik, C. et al. *Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e técnicos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

FERENCZI, S. (1933) “Confusão de línguas entre os adultos e a criança”, in *Psicanálise IV*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, J. (1987) *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, J. (1990) *La prioridad del otro in psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

LAPLANCHE, J. *Essays on otherness*. Londres: Routledge, 1998.

LAPLANCHE, J. “Três acepções da palavra ‘inconsciente’ no quadro da Teoria da Sedução Generalizada”. *Revista de Psicanálise da SPPA*. Porto Alegre, v. 10, n. 3, 2003, pp. 403–418.

Tradução: **Bruno dos Santos Konkewicz e Kenia Maria Ballvé Behr**

Publicado em janeiro de 2025

José Carlos Calich

jccalich@gmail.com